

N A P O L E O N H I L L

 ESPERTO
QUE O DIABO

O mistério revelado da liberdade e do sucesso

13^a EDIÇÃO

TRADUÇÃO E EPÍLOGO

M. Conte Jr. FRC, M.: M



2019

Título original: *Outwitting the Devil*

Copyright © 2011 by The Napoleon Hill Foundation

Mais esperto que o Diabo

1ª edição em português: 2014

Direitos reservados desta edição: CDG Edições e Publicações

O conteúdo desta obra é de total responsabilidade do autor e não reflete necessariamente a opinião da editora.

Autor:

Napoleon Hill

Tradução:

M. Conte, Jr. FRC, M.º.M

Revisão:

3GB Consulting

Capa:

Pâmela Siqueira

Projeto gráfico:

Dharana Rivas

Diagramação de eBook:

Calil Mello Serviços Editoriais

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP)**

H647m Hill, Napoleon.

Mais esperto que o Diabo. / Napoleon Hill. – Porto Alegre: CDG, 2019.

ISBN: 978-85-68014-00-4

1. Desenvolvimento pessoal. 2. Motivação. 3. Sucesso pessoal. 4. Autoajuda. I. Título.

CDD - 131.3

Produção editorial e distribuição:

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM: Meu primeiro encontro com Andrew Carnegie

CAPÍTULO DOIS: Um novo mundo se revela para mim

CAPÍTULO TRÊS: Uma estranha entrevista com o Diabo

CAPÍTULO QUATRO: Alienando-se com o Diabo

CAPÍTULO CINCO: A confissão continua

CAPÍTULO SEIS: Ritmo hipnótico

CAPÍTULO SETE: Sementes do medo

CAPÍTULO OITO: Propósito definido

CAPÍTULO NOVE: Educação e religião

CAPÍTULO DEZ: Autodisciplina

CAPÍTULO ONZE: Aprendendo com a adversidade

CAPÍTULO DOZE: Ambiente, tempo, harmonia e precaução

RESUMO

EPÍLOGO

INTRODUÇÃO

POR THIAGO NIGRO

Já parou para pensar por que sabemos o que deve ser feito, mas ainda assim insistimos em não fazer? Trabalho profissionalmente com investimentos há muitos anos, e as dúvidas são sempre as mesmas. O que as pessoas não percebem é que as soluções também são.

Você gostaria de ter um corpo melhor? Pois bem: 99% da população também. Você sabe o que é preciso para ter um corpo melhor? Aposto que sim. Basicamente, comer bem e cuidar de seu corpo. Assim como você, todos sabemos o que é preciso, mas preferimos não fazer. Aliás, não é uma questão de “preferência”, é um jogo de dominação. Ou você domina sua mente, ou ela (ou algo) te domina.

Quando eu era menor, sofri *bullying*, fui taxado como um dos piores garotos do colégio e ainda fui negado em todas as entrevistas de emprego que fiz no mercado financeiro. Comecei a carreira como garçom – e para muitos, eu deveria continuar fazendo isso o resto da vida.

Mas não me contentei. Fiz o impossível. Comecei a trabalhar no mercado financeiro e sete anos depois atingi minha liberdade financeira. Isso significa que meu dinheiro investido era suficiente para me sustentar até eu morrer, caso mantivesse meu padrão de vida. Hoje ajudo o Brasil a gerenciar melhor suas finanças.

O que descobri – mas não sabia antes disso – é que apenas 1% da população consegue se aposentar com a mesma qualidade de vida que teve em algum momento dela. Porém, descobri que a falta de dinheiro não é o problema, é a consequência dele. Mas qual é o problema? Eu não sabia.

Por isso, decidi pesquisar por que isso acontece, e como eu poderia ajudar nessa transformação. Foi aí que resolvi investir R\$ 1 milhão do meu bolso para viajar o mundo e conversar com algumas das pessoas

mais bem-sucedidas do mundo. Queria descobrir qual era “O Código da Riqueza”. Conversei com CEOs, medalhistas olímpicos, bilionários, artistas, empresários e professores de Harvard e Stanford.

Durante minha jornada, descobri que alguém já tinha feito algo muito parecido e dedicado a vida a estudar sobre riqueza no seu tempo. Ele tinha, inclusive, entrevistado o Diabo para saber como ele fazia para entrar em nossa mente e dominá-la, alegando ter decodificado o código da sua mente, descobrindo em detalhes todas as principais estratégias para trazer miséria, limitação e vícios ao mundo.

Essa pessoa era chamada de Napoleon Hill. Mesmo não o tendo conhecido pessoalmente, sinto uma profunda admiração por seu legado deixado ao mundo.

Fiquei fascinado por seus escritos, suas pesquisas e suas conclusões. Depois de ter entrado na mente de Hill, sinto que você está prestes a ler a obra mais cativante, inquietante, inteligente e mística que ele já fez. Sou exemplo vivo de que todos os ensinamentos dele geram resultados: o garoto que era tímido, morria de medo de falar em público e socializar hoje fala com mais de 10 milhões de pessoas todos os meses.


Mas não vou parar por aí. Napoleon Hill dizia que o aprendizado nunca estaciona. Uma pessoa, por maior que ela seja, pode ir muito longe, mas ela tem um limite determinado a todos os seres humanos: a morte. Dali para a frente, alguém precisa avançar e desenvolver aquele aprendizado, aquele legado. Esse nunca morre. Isaac Newton disse que, se ele enxergou mais longe, é porque estava de pé sobre os ombros de gigantes. Por isso, quero continuar ajudando milhares de pessoas a enriquecer e alcançar a sua liberdade financeira. A minha motivação é seguir o fascinante trabalho de Napoleon Hill e decodificar de vez quais são os hábitos, princípios e pensamentos daqueles que REALIZAM e chegam ao mundo da abundância, onde nenhuma limitação existe a não ser aquela que impomos a nós mesmos, nem que para isso eu pessoalmente tenha que entrevistar o Diabo também e descobrir o que ele anda aprontando nos dias de hoje.

Desejo-lhe uma leitura fantástica. Este livro vai mudar a sua vida,

assim como mudou a minha. Essa é sua oportunidade de subir nos ombros de gigantes, exatamente como eu fiz. E já adianto que a próxima vez que o Diabo decidir contar seus segredos e estratégias mentais, primos, vocês serão avisados em primeira mão. Preparem-se, quem viver verá! Boa leitura.

- Thiago Nigro
Criador do *O Primo Rico*
@thiago.nigro

PELO HOMEM QUE QUEBROU O CÓDIGO DO DIABO E O FORÇOU A
CONFESSAR.

 mais corajoso e inspirador de todos os livros de autoconhecimento, escrito pelo filósofo do sucesso número um da América, que, após trinta anos de pesquisas, achou o Diabo e arrancou dele uma confissão fantástica, revelando onde ele mora, por que ele existe, como ele ganha o controle da mente das pessoas e o principal: como qualquer um pode vencê-lo. Este livro é um curso generoso em psicologia, deixando claros os princípios de como funciona a mente humana. Quando você terminar esta história do Diabo, você saberá muito mais sobre Deus.

POR NAPOLEON HILL

Autor de Think and Grow Rich,

*O manuscrito original – As leis do triunfo e do sucesso de Napoleon Hill e
Atitude mental positiva*

MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM ANDREW CARNEGIE

Por mais de um quarto de século, meu principal objetivo foi o de separar e organizar, em uma filosofia de realizações, as principais causas tanto do fracasso como do sucesso, com o objetivo de ser útil a todos os outros que não têm nem a inclinação nem a oportunidade de se engajar nesse tipo de pesquisa.

Meu trabalho começou em 1908, como resultado de uma entrevista que fiz com Andrew Carnegie. Eu, francamente, contei ao senhor Carnegie que eu tinha concebido a ideia de entrar para a faculdade de Direito e que havia pensado em pagá-la entrevistando homens e mulheres bem-sucedidos, descobrindo como eles conseguiam sucesso e descrevendo as minhas descobertas para revistas. No final de minha visita, o senhor Carnegie me perguntou se eu tinha ou não coragem para realizar algo que ele estava para me oferecer. Respondi que coragem era tudo o que eu tinha e que estava preparado para dar o meu melhor, independentemente da proposta que ele tinha a me oferecer.

Ele então disse:

“A sua ideia de escrever histórias sobre homens e mulheres bem-sucedidos é memorável enquanto ideia, e eu não tenho nenhuma intenção de tentar desencorajá-lo de cumprir o seu objetivo. Mas eu preciso lhe dizer que, se você realmente quer fazer um serviço que seja útil, não somente para as pessoas de hoje, mas também que dure para toda a posteridade, ocupe o seu tempo organizando, baseado nessas histórias, as causas do fracasso e do sucesso dessas pessoas. Há milhões de pessoas no mundo que não têm a menor concepção das causas do sucesso e do fracasso. As escolas e faculdades ensinam praticamente tudo, exceto os princípios de realização pessoal. Eles exigem que jovens, homens e

mulheres, passem de quatro a oito anos adquirindo conhecimentos abstratos, mas não os ensinam o que fazer com esse conhecimento depois de tê-lo.

“O mundo está precisando de uma filosofia de realização prática e inteligível, organizada a partir de conhecimento resultante da experiência de homens e mulheres da grande universidade da vida. Em todo o campo da filosofia, eu não encontro nada que se assemelhe ao tipo de filosofia que tenho em mente. Nós temos muito poucos filósofos que são capazes de ensinar a homens e mulheres a arte de viver. Parece, para mim, que há uma oportunidade que deveria desafiar um jovem ambicioso do seu tipo, mas ambição pura não basta para essa tarefa que eu sugeri. Aquele que ousar seguir minha sugestão deverá ter coragem e tenacidade.

“O trabalho demandará pelo menos vinte anos de esforço contínuo, durante o qual aquele que topar terá que ganhar a vida com outra fonte de renda, porque esse tipo de pesquisa nunca é lucrativo no seu início, e geralmente os poucos que se aventuraram a contribuir para a civilização por meio de trabalhos dessa natureza tiveram que esperar cem anos ou mais após seus próprios funerais para receber reconhecimento pelo seu feito. Se você prosseguir com esse trabalho, deve entrevistar não somente os poucos que foram extraordinariamente bem-sucedidos, mas também os muitos que fracassaram. Você deve cuidadosamente analisar milhares de pessoas que foram classificadas de ‘fracassadas’ – e eu quero dizer com o termo ‘fracassado’ homens e mulheres que chegam aos estágios finais de suas vidas desapontados porque não conseguiram alcançar as metas que haviam se proposto de coração. Tão inconsistente como parece ser, você aprenderá muito mais como ser bem-sucedido a partir dos fracassos do que com o tão chamado ‘sucesso’. Eles lhe ensinarão o que não fazer.

“Na parte final da sua pesquisa, se você conseguir com sucesso manter o foco, fará uma descoberta que poderá ser uma grande surpresa. Descobrirá que a causa para o sucesso não é algo separado e longe do homem, mas que é uma força tão intangível na natureza, que a maioria dos homens nunca a reconhece; uma força que pode muito bem ser chamada de ‘Outro Eu’. O mais interessante é o fato de que este ‘outro

eu' raramente exerce sua influência ou se faz conhecer, exceto em momentos de emergência, quando os homens são forçados, por meio das adversidades e das derrotas temporárias, a mudar seus hábitos e pensar estratégias para sair das dificuldades. Minha experiência me ensinou que um homem nunca está tão perto do sucesso como quando o que ele chama de 'fracasso' toma conta de sua vida, porque nessas ocasiões ele é forçado a pensar. Se ele pensar com exatidão e com persistência, vai descobrir que aquilo que ele chama de fracasso, na verdade, nada mais é que um sinal para elaborar um novo plano ou objetivo. **A maior parte dos fracassos reais se deve a limitações que os homens impõem a si mesmos em suas próprias mentes.** Se eles tivessem a coragem de ir mais um passo à frente, eles descobririam os seus próprios erros."

COMEÇANDO UMA VIDA NOVA

O discurso do senhor Carnegie reformulou a minha vida por completo e plantou em minha mente um desejo ardente, que me orientou sem cessar. Isso aconteceu mesmo eu não tendo a mais vaga ideia do que significava o termo o "Outro Eu".

Durante o meu trabalho de pesquisa nas causas de fracasso e sucesso, tive o privilégio de analisar mais de 25 mil homens e mulheres que eram rotulados de "derrotados", e mais de 500 que eram classificados de "bem-sucedidos". Muitos anos atrás, tive meu primeiro contato com aquele "Outro Eu" que o senhor Carnegie havia mencionado. A descoberta veio como ele disse que viria: como resultado de dois pontos cruciais da minha vida, mas que foram, na verdade, emergências e que me forçaram a pensar um jeito de vencer as minhas dificuldades de tal maneira que eu nunca havia experimentado.

Gostaria que fosse possível descrever essa descoberta sem o uso do pronome pessoal "eu", mas isso é impossível, visto que ela ocorreu por meio de experiências pessoais que não podem ser separadas. Para dar uma visão completa da descoberta, terei que voltar ao primeiro desses dois pontos marcantes da minha vida e mostrar, passo a passo, essa

descoberta.

Para realizar a pesquisa, com a compilação de dados, foram necessários anos de trabalho. Eu tinha chegado à falsa conclusão de que minha tarefa de organizar uma filosofia completa de sucesso pessoal havia terminado. Longe de estar completo, meu trabalho havia apenas começado. Eu havia erigido o esqueleto de uma filosofia, organizando os dezessete princípios do sucesso e as trinta maiores causas do fracasso, mas aquele esqueleto tinha que ser coberto com a carne da realização e da experiência. Além disso, tinha que ser dada ao trabalho uma alma que inspirasse homens e mulheres a não somente transporem obstáculos, mas também a não se deixarem abater por eles.

A “alma”, que ainda teria que ser adicionada, como eu descobri depois, somente se tornaria disponível após aparecer o meu “outro eu”, por meio dos dois pontos cruciais da minha vida. Resolvendo focar a minha atenção e quaisquer talentos que eu porventura tivesse em retornos monetários por meio de canais de negócios, decidi dedicar-me à profissão de publicitário. Tornei-me, então, o gerente de publicidade do curso de extensão La Salle da Universidade de Chicago. Tudo correu maravilhosamente bem durante um ano. Entretanto, no final desse ano, fui tomado por um violento desgosto pelo meu trabalho e, então, me demiti.

Posteriormente, ingressei no ramo de cadeias de lojas, juntamente com o ex-presidente da Universidade de Extensão La Salle. Logo me tornei presidente da Cia. de Doces Betsy Ross. Porém, desacordos com os sócios desse negócio fizeram com que eu saísse do empreendimento. A atração pela propaganda ainda estava em meu sangue, e tentei novamente dar expressão a ela. Organizei uma escola de propaganda e vendas, como uma parte da Escola de Negócios Bryant & Stratton.

O empreendimento navegava em águas tranquilas e muito dinheiro entrava rapidamente. Foi então que os Estados Unidos tomaram parte na Primeira Guerra Mundial. Em resposta a um chamado interior, que palavras não conseguem descrever, saí da Escola e entrei para o serviço do governo dos Estados Unidos, sob a direção pessoal do presidente

Woodrow Wilson, deixando um negócio fantástico desintegrar-se.

No dia do armistício, em 1918, comecei a atuar na publicação da revista *Golden Rule* (Regra de Ouro, na tradução livre). Apesar do fato de eu não ter nenhum centavo de capital, a revista cresceu rapidamente e em pouco tempo ganhou circulação nacional, chegando a quase meio milhão de exemplares, finalizando seu primeiro ano de negócios com um lucro de 3.156 dólares. Alguns anos depois, aprendi com um experiente executivo de uma empresa de publicações que nenhum homem capaz naquele ramo pensaria em começar uma revista tal como essa com menos do que 500 mil dólares de capital.

A revista *Golden Rule* e eu estávamos destinados a nos separar. Quanto mais sucesso alcançávamos, mais descontente eu me tornava. Até que, finalmente, devido a um acúmulo de perturbações causadas por sócios no negócio, dei a revista como um presente a eles e deixei o negócio. Com essa atitude, provavelmente joguei fora uma pequena fortuna.

Logo após, organizei uma escola de treinamento para vendedores. Minha primeira missão era treinar um exército de vendas de três mil pessoas para uma rede de lojas. Receberia 10 dólares para cada vendedor que frequentasse a minha aula. Dentro de seis meses, esse trabalho havia me rendido um pouco mais de 30 mil dólares. O sucesso, em termos financeiros, estava coroando meus esforços com abundância. Novamente meu espírito estava descontente. Eu não estava feliz. Tornava-se, a cada dia, mais óbvio que nenhuma quantidade de dinheiro, em algum momento, me faria feliz.

Sem a menor desculpa razoável por minhas ações, saí do negócio e desisti de um empreendimento no qual teria facilmente recebido um salário satisfatório. Meus amigos e sócios no negócio pensaram que eu estava louco, e eles não estavam tão errados nos seus pensamentos. No fundo, eu estava inclinado a concordar com eles, mas parecia que não havia nada que eu pudesse fazer para mudar de ideia. Procurava pela felicidade e ainda não a tinha encontrado. Pelo menos, essa é a única explicação que eu poderia oferecer para justificar as minhas atitudes um

tanto quanto inusitadas. Qual o homem que realmente conhece a si mesmo?

Isso aconteceu no final do outono de 1923. Eu me sentia solitário em Columbus, Ohio, sem recursos e, pior ainda, sem nenhum plano para me tirar daquela situação difícil. Na verdade, era a primeira vez na vida que eu estava acuado devido à falta de recursos. Em muitas ocasiões, já havia passado por momentos de aperto, mas nunca antes havia faltado dinheiro a tal ponto de eu não conseguir suprir as minhas necessidades pessoais. A experiência me assombrou: eu parecia estar totalmente à margem do que poderia ou deveria fazer.

Pensei em uma dúzia de jeitos de conseguir resolver os meus problemas, mas descartei-os todos: eram impraticáveis e impossíveis de realizar. Me senti como alguém que estava perdido em uma selva, sem uma bússola sequer. Toda tentativa que eu fazia para me tirar da dificuldade acabava me trazendo de volta para o ponto de partida.

Por quase dois meses, sofri com a pior das doenças humanas: a indecisão. Eu conhecia os dezessete princípios da realização pessoal, mas não sabia como aplicá-los. Sem saber, estava encarando uma daquelas emergências da vida de que o senhor Carnegie havia me falado, situações essas em que os homens muitas vezes descobrem os seus “Outros Eus”. Meu estresse era tão grande que em nenhum momento me ocorreu sentar, analisar a sua causa e procurar a sua cura.

DERROTA É CONVERTIDA EM VITÓRIA

Uma tarde, tomei uma decisão que me ajudou a sair daquela situação. Eu tinha um sentimento de que o que eu realmente desejava era sair para os “espaços abertos do país”, onde poderia respirar ar fresco e, principalmente, pensar.

Comecei a caminhar e já havia percorrido mais ou menos sete ou oito milhas quando, de repente, me vi parado. Por muitos minutos, fiquei ali como se estivesse com os pés colados. Tudo na minha volta tornou-se escuro. Eu podia ouvir o som estridente de alguma forma de energia que

estava vibrando em uma frequência muito alta.

Então meus nervos se aquietaram, meus músculos relaxaram e uma grande calma tomou conta de mim. A atmosfera começou a clarear e, enquanto isso ocorria, recebi um comando de meu interior, que veio na forma de um pensamento, tão perto quanto eu posso descrevê-lo.

O comando era tão claro e distinto que não havia meios de eu não entendê-lo. Na essência, ele disse: “Chegou o momento de você completar a filosofia de sucesso que você começou, seguindo a sugestão de Carnegie. Volte para casa de uma vez por todas e comece a transferir os dados que você juntou da sua própria mente, transformando-os em manuscritos”. O meu “Outro Eu” havia acordado.

Por alguns minutos, permaneci aterrorizado. Essa experiência não era parecida com nada que eu houvesse experimentado antes. Eu virei e caminhei rapidamente até chegar em casa. Quando me aproximei de casa, vi meus três filhos olhando pela janela para as crianças do vizinho, que estavam decorando uma árvore de Natal. Então, me lembrei que era véspera de Natal. Para completar, me dei conta, com um sentimento de pura tristeza, tal qual eu jamais havia experimentado, de que não haveria árvore de Natal na nossa casa. O olhar de desapontamento no rosto das minhas crianças me fez lembrar desse fato com muita dor.

Entrei em casa, sentei em frente à minha máquina de escrever e comecei de uma vez por todas a transcrever todas as descobertas que eu havia feito relacionadas às causas de sucesso e fracasso. No instante em que coloquei a primeira folha de papel na máquina, fui interrompido pelo mesmo sentimento estranho que havia me ocorrido algumas horas antes. E este pensamento passou de forma muito clara na minha mente.

“Sua missão nesta vida é completar a primeira filosofia de sucesso e realização pessoal. Você tem tentado em vão escapar da sua tarefa, cada esforço trazendo fracasso para você. Você está procurando pela felicidade. Aprenda esta lição, de uma vez por todas: você somente achará a alegria ajudando outros a encontrá-la. Você tem sido um estudante teimoso. Você tinha que ser curado da sua teimosia por meio de desapontamentos sucessivos. Dentro de poucos anos, o mundo todo

começará uma experiência na qual milhões de pessoas que necessitam desta filosofia terão acesso a ela, justamente devido a esse direcionamento que você recebeu para completá-la. A sua grande oportunidade de achar a felicidade prestando um serviço útil terá chegado. Vá trabalhar e não pare até que você tenha completado e publicado os manuscritos que você começou.”

Eu estava consciente de ter chegado ao final do arco-íris da vida e estava feliz!

A DÚVIDA APARECE

O “feitiço”, se é que essa experiência pode ser assim chamada, passou. Comecei a escrever e, pouco depois, fui sugestionado pela minha “razão” e pensei que talvez eu estivesse entrando numa missão estúpida. A ideia de que um homem que estava em plena depressão e praticamente falido pudesse escrever uma filosofia de sucesso pessoal me parecia tão fantasiosa que ri vigorosamente e acabei dando gargalhadas.

Me arrumei na cadeira, passei os dedos pelo meu cabelo e tentei criar um alibi que justificaria à minha própria mente que eu deveria tirar o papel da máquina de escrever antes de começar. Mas a vontade de continuar era muito mais forte do que o desejo de desistir, e acabei me reconciliando com a minha tarefa e segui em frente.

Olhando para os eventos passados, agora sob a ótica de tudo o que aconteceu, posso ver que essas pequenas experiências de adversidade pelas quais passei foram entre as mais enriquecedoras e lucrativas de todas as minhas vivências. Elas na verdade foram bênçãos, porque me forçaram a continuar um trabalho que finalmente me trouxe uma oportunidade para me fazer mais útil ao mundo do que eu jamais teria sido caso tivesse sido bem-sucedido em quaisquer dos planos ou objetivos anteriores.

Por quase três meses, trabalhei nesses manuscritos, finalizando-os durante o começo de 1924. Assim que os completei, me senti novamente compelido a voltar ao grande jogo dos negócios americanos.

Sucumbindo ao meu desejo, comprei a Faculdade de Negócios Metropolitana em Cleveland, Ohio, e comecei a organizar os planos para aumentar a sua capacidade. No final de 1924, tínhamos nos desenvolvido e expandido, adicionando novos cursos. Havíamos dobrado os números, considerando o melhor momento que a escola já tinha vivido.

Novamente, o germe do descontentamento começou a se fazer sentir em meu sangue. Mais uma vez, eu sabia que não poderia achar a felicidade nesse tipo de empreendimento. Repassei o negócio aos meus sócios e fui para a plataforma de palestras, falando sobre a filosofia de realização e sucesso pessoal para a organização pela qual eu havia devotado tantos dos meus anos anteriores.

Uma noite, estava marcado para eu palestrar em Canton, Ohio. O destino, ou o que quer que algumas vezes pareça moldar o futuro dos homens, não importasse o quanto eu tentasse lutar contra ele, novamente me colocou cara a cara com uma nova e muito dolorosa experiência.

No meu auditório em Canton estava sentado Don R. Mellett, responsável pela publicação do *Canton Daily News*. O Sr. Mellett ficou tão interessado na filosofia de realização e sucesso pessoal da minha palestra naquela noite que me convidou para visitá-lo no dia seguinte.

Essa visita resultou em um acordo de parceria que era para ter acontecido no dia 1º de janeiro seguinte, quando o senhor Mellett planejava renunciar ao cargo de chefe da publicação do *Daily News* para se encarregar do negócio e da publicação da filosofia na qual eu estava trabalhando. Contudo, em julho de 1926, o Sr. Mellet foi morto por Pat McDermott, uma figura carimbada do submundo, e um policial de Canton, sendo ambos posteriormente sentenciados à prisão perpétua. Ele foi morto porque estava expondo em seu jornal uma ligação entre os bandidos e alguns membros da polícia de Canton. O crime foi um dos mais chocantes que a Era da Proibição já produziu.

O ACASO (?) SALVA MINHA VIDA

Na manhã seguinte à morte do senhor Mellet, fui chamado no telefone por uma pessoa desconhecida que me alertou de que eu teria uma hora para sair de Canton e de que eu poderia ir voluntariamente dentro de uma hora, mas se eu esperasse mais tempo provavelmente iria dentro de um caixão. Minha associação com o senhor Mellett havia aparentemente sido mal interpretada. Seus assassinos decerto acreditavam que eu estava conectado de forma direta à exposição que ele vinha fazendo em seus jornais.

Não esperei acabar o meu limite de uma hora, mas imediatamente entrei no meu carro e dirigi para a casa de parentes nas montanhas a oeste de Virgínia, onde fiquei até que os assassinos tivessem sido colocados na prisão. Essa experiência veio bem dentro da categoria descrita pelo senhor Carnegie como “uma emergência” que força homens a pensarem. Pela primeira vez na vida, conheci a dor do medo constante. A minha experiência de alguns anos anteriores, em Columbus, havia preenchido a minha mente com dúvida e indecisão temporária, mas essa preencheu a minha mente com um medo que parecia impossível de remover. Durante o tempo em que eu estava escondido, raramente deixava a casa à noite e, quando saía, mantinha minha mão em uma pistola automática levada no bolso do casaco, mantida destravada para ação imediata. Se um automóvel estranho parasse em frente à casa onde eu estava escondido, eu ia imediatamente para o porão e, com cuidado, escrutinava os seus ocupantes através das janelas.

Depois de alguns meses convivendo com esse tipo de experiência, meus nervos começaram a sentir. A coragem sumiu por completo, assim como a ambição que eu tinha em meu coração durante os longos anos de trabalho em busca das causas do fracasso e do sucesso também partiu.

Vagarosamente, passo a passo, me senti caindo num estado de total letargia da qual eu temia que jamais conseguisse emergir. O sentimento deve ter sido o mesmo que aqueles que pisam na areia movediça sentem, quando se dão conta de que cada esforço que fazem para tirá-los da areia apenas leva mais para o fundo. O medo é uma areia movediça que se retroalimenta.

Se a semente da insanidade estivesse presente na minha constituição física, certamente ela teria germinado durante esses meses subsistindo como um morto-vivo. Indecisão completa, sonhos irresolutos, dúvidas e medo eram tudo o que a minha mente experimentava dia e noite.

A “emergência” que encarei fora desastrosa por dois motivos. Primeiro, a verdadeira natureza dessa emergência me manteve num estado de constante indecisão e medo. Segundo, esse enclausuramento forçado me deixou em estado de tensão constante. Eu tendia a me preocupar com o peso do tempo que passava.

A minha faculdade da razão tinha sido quase paralisada. Me dei conta de que precisava trabalhar a mente para sair desse estado mental. Mas como? Os recursos que tinham me ajudado a resolver todas as emergências anteriores da minha vida parece que criaram asas e me deixaram completamente à mercê da situação.

Além de todas as dificuldades que eu estava enfrentando até esse momento, outra situação que parecia mais dolorosa que todas as outras combinadas surgiu. Era a tomada de consciência de que eu havia gastado a maior parte dos meus últimos anos em busca do arco-íris, procurando aqui e lá pelas causas do sucesso, e me achando agora nesse exato momento mais fraco e incapacitado do que qualquer uma das 25 mil pessoas às quais eu havia julgado como sendo “fracassos”.

Esse pensamento era quase enlouquecedor. Além disso, era também extremamente humilhante, porque eu estava palestrando por todo o país em escolas e faculdades e para organizações de comércio, tentando contar às outras pessoas como aplicar os dezessete princípios do sucesso, enquanto aqui estava eu, incapaz de aplicá-los para mim mesmo. Estava certo de que nunca mais poderia encarar o mundo com um sentimento de confiança.

Toda vez em que me olhava no espelho, notava uma expressão de desgosto próprio na minha face, e frequentemente disse coisas ao homem no espelho que não devem ser escritas. Eu havia começado a tomar o lugar na categoria dos charlatões que oferecem a outros um remédio para a cura que eles não conseguem aplicar com sucesso a si mesmos.

Os criminosos que assassinaram o senhor Mellett foram julgados e mandados para a prisão perpétua; por isso, seria perfeitamente seguro, considerando onde eles estavam, sair do meu esconderijo e novamente tocar o meu trabalho. Contudo, não conseguia sair, porque agora encarava circunstâncias mais aterrorizantes do que aquela que havia sido criada pelos assassinos.

A experiência destruíra qualquer tipo de iniciativa que eu havia tido. Eu sentia uma influência de tal modo depressiva que tudo parecia um pesadelo. Estava vivo e poderia me mover, mas não conseguia pensar em um único movimento por meio do qual eu pudesse continuar a procurar pela meta que eu tinha estipulado para mim mesmo, baseado na sugestão do senhor Carnegie. Estava rapidamente me tornando indiferente não apenas a mim mesmo, mas, pior ainda, começava a me tornar mal-humorado e irritado com aqueles que haviam me oferecido abrigo durante a minha “emergência”.

Encarei a maior emergência da minha vida. A menos que tenha passado por uma experiência similar, você não consegue imaginar como me senti. Tais experiências não conseguem ser descritas. Para serem entendidas, devem ser sentidas.

O MOMENTO MAIS DRAMÁTICO DA MINHA VIDA

A virada veio de repente, no outono de 1927, mais de um ano após o incidente de Canton. Deixei a casa em uma noite e caminhei para o prédio da escola pública que se situava no topo de uma montanha acima da cidade. Eu havia chegado a uma decisão de lutar contra tudo aquilo antes que a noite acabasse. Comecei a caminhar em volta do edifício, tentando forçar meu cérebro confuso a pensar com clareza. Devo ter dado centenas de voltas ao redor do prédio antes que qualquer coisa que se assemelhasse a um pensamento organizado pudesse cruzar a minha mente. Enquanto caminhava, repetia constantemente para mim mesmo: “Existe uma saída e vou achá-la antes de voltar pra casa”. Devo ter repetido essa frase mil vezes. Além disso, estava decidido a fazer

exatamente o que eu estava dizendo a mim mesmo. Estava totalmente desgostoso comigo mesmo, mas ensaiei uma esperança de salvação.

Então, como um raio que cai de um céu claro, uma ideia explodiu em minha mente com tal força que o impulso fez com que meu sangue subisse e descesse das minhas veias de forma abrupta: “Este é o seu período de teste. Você foi reduzido à pobreza e humilhado para que pudesse ser forçado a descobrir o seu outro eu”.

Pela primeira vez em anos, recordei o que o senhor Carnegie dissera sobre esse “outro eu”. Nesse momento, lembrei-me de que ele havia dito que eu descobriria esse outro eu no final do meu trabalho de pesquisa pelas causas de fracasso e sucesso, e ainda recordei que ele disse que a descoberta normalmente viria como resultado de uma emergência, quando homens são forçados a mudar os seus hábitos e pensar formas de sair da dificuldade.

Continuei caminhando ao redor da escola, só que agora eu estava flutuando. Inconscientemente, parecia saber que estava para ser liberado da prisão que havia feito a mim mesmo.

A partir desse momento, me dei conta de que essa grande emergência havia me trazido uma oportunidade não somente para descobrir o meu “outro eu”, mas também para testar a eficácia da filosofia de sucesso que eu vinha ensinando a outros como sendo algo palpável e realizável. Brevemente, eu saberia se ela funcionaria ou não. Tomei a decisão de que, se ela não funcionasse, eu queimaria todos os manuscritos e nunca mais me sentiria culpado por tentar provar aos outros que eles eram “os mestres de seus destinos, os capitães de suas almas”.

A lua cheia estava recém cobrindo o topo da montanha. Eu nunca a havia visto brilhar tão intensamente antes. Enquanto a estava contemplando, outro pensamento cruzou a minha mente: “Você tem mostrado às outras pessoas como dominar o medo e como sobrepujar as dificuldades que surgem nas emergências da vida. De agora em diante, você pode falar com autoridade, porque está a ponto de superar as suas próprias dificuldades com coragem e objetivo, resoluto e destemido”.

Com esse pensamento veio uma mudança na química do meu ser que

me elevou a um estado de euforia que eu nunca havia experimentado. Meu cérebro começou a clarear, e o estado de letargia no qual ele se encontrava começou a passar. A minha razão passou a trabalhar novamente.

Por um breve momento, estava feliz pelo privilégio de passar por longos meses de tormento, já que a experiência me ofereceu a oportunidade de testar a eficácia dos princípios de sucesso, os quais eu vinha pesquisando de forma inexorável.

Quando esse pensamento surgiu, parei, uni os meus pés, saudei (eu não sabia o que ou quem) e fiquei rigidamente em estado de meditação por muitos minutos. Isso parecia, de início, uma atitude boba, mas, enquanto eu estava lá de pé naquele estado, outro pensamento cruzou a minha mente em forma de uma “ordem”, que era tão breve e instantânea quanto uma ordem dada por um comandante militar a um subordinado.

A ordem dizia: “Amanhã, entre no seu carro e dirija até a Filadélfia. Lá você receberá ajuda para publicar a sua filosofia do sucesso”.

Não havia nenhuma forma de explicação e qualquer tipo de modificação da ordem. Tão logo a recebi, caminhei de volta para casa, fui para a cama e dormi profundamente com uma paz de espírito tal que não experimentava havia mais de um ano.

Quando acordei na manhã seguinte, me levantei da cama e imediatamente comecei a fazer as malas para a viagem à Filadélfia. Minha razão me dizia que eu estava embarcando numa missão sem sentido. Quem eu poderia conhecer na Filadélfia que pudesse me ajudar financeiramente a publicar oito volumes de livros a um custo de 25 mil dólares? Eu me questioneei.

Instantaneamente, ouvi em minha mente a resposta para essa questão de forma tão clara como se as palavras tivessem sido ditadas em meu ouvido: “Você agora está seguindo ordens, em vez de ficar fazendo perguntas. O seu ‘outro eu’ estará no comando durante toda essa viagem”.

Havia outra condição que parecia fazer a minha preparação para ir à Filadélfia algo que beirava o absurdo. Eu não tinha dinheiro. Esse

pensamento mal me havia ocorrido quando meu “outro eu” explodiu dando uma ordem enfática: “Peça para o seu cunhado 50 dólares e ele emprestará para você”.

A ordem parecia definitiva e final. Sem qualquer hesitação, segui as instruções. Quando pedi o dinheiro ao meu cunhado, ele disse: “Claro, certamente vou lhe emprestar os 50, mas, se você vai para tão longe, seria melhor levar 100 dólares”. Agradei a ele e disse que 50 dólares seriam o suficiente. Sabia que não bastava, mas essa era a quantia que meu “outro eu” havia me ordenado a pedir, e foi exatamente isso que fiz.

Eu estava bastante aliviado quando me dei conta de que meu cunhado não ia me perguntar por que eu estava indo para a Filadélfia. Se ele soubesse tudo que havia passado pela minha mente na noite anterior, talvez pensasse que eu deveria ir para um hospital psiquiátrico em vez de sair em busca do pote de ouro no final do arco-íris.

MEU “OUTRO EU” ASSUME O COMANDO

Parti com a minha cabeça me dizendo que eu era um idiota e meu “outro eu” me ordenando a ignorar o desafio e seguir as instruções. Dirigi a noite inteira, chegando à Filadélfia na manhã seguinte.

Meu primeiro pensamento foi o de procurar uma pensão onde eu pudesse alugar um quarto de um dólar por dia.

Nesse momento, novamente o meu “outro eu” tomou conta e ordenou que eu me hospedasse no hotel mais luxuoso da cidade. Com um pouco mais de 40 dólares no bolso, que era o que restava do meu capital, parecia mais um suicídio financeiro quando caminhei até o balcão e pedi por um quarto; ou, devo dizer, quando comecei a pedir por um quarto, meu recém-descoberto “outro eu” me ordenou pedir a melhor de todas as suítes. O custo dessa suíte consumiria o meu capital em dois dias. Obedeci.

O carregador de malas pegou a minha bagagem, me entregou o *ticket* do estacionamento do meu automóvel e me conduziu até o elevador como se eu fosse o Príncipe de Gales. Era a primeira vez em mais de um

ano que um ser humano havia demonstrado tal deferência comigo. Meus próprios parentes, esses com quem eu estava morando, longe de me mostrar qualquer tipo de consideração, ainda achavam que eu era um peso para eles, e tenho certeza de que eu era, porque nenhum homem no estado mental em que eu me encontrava no último ano poderia ser qualquer coisa além de um peso a todos aqueles com os quais porventura entrasse em contato.

Tornava-se evidente que meu “outro eu” estava determinado a me tirar do complexo de inferioridade que eu havia desenvolvido.

Dei ao carregador de malas um dólar. Comecei a estimar quanto seria a minha conta do hotel até o fim da semana, quando então o meu “outro eu” ordenou que eu limpasse completamente a minha mente de quaisquer pensamentos de limitação e que conduzisse a minha vida a partir daquele momento como se tivesse todo o dinheiro que quisesse nos meus bolsos.

A experiência pela qual estava passando era tanto nova quanto estranha para mim. Nunca consegui ser mais do que eu acreditava que poderia ser.

Por quase meia-hora, esse “outro eu” me deu ordens que segui à risca durante o período da minha estada na Filadélfia. As instruções que recebi por meio desses pensamentos se apresentaram à minha mente com tal força que eles eram facilmente distinguíveis de pensamentos normais criados pelo meu eu tradicional.

EU RECEBO “ORDENS” ESTRANHAS DE UMA FONTE ESTRANHA

Minhas instruções começaram desta forma:

“A partir deste momento, você está completamente no comando do seu ‘outro eu’. De agora em diante, você deve saber que duas entidades ocupam o seu corpo, na verdade duas entidades similares ocupam o corpo de cada ser vivente do Planeta Terra.”

“Uma dessas entidades é motivada e responde pelo impulso do medo. A outra é motivada e responde ao impulso da fé. Por mais de um ano

“você foi conduzido como um escravo pela entidade do medo.”

“Há duas noites, a entidade fé assumiu o controle do seu corpo físico, e a partir daquele momento você foi motivado por essa entidade. Por mera conveniência, você pode chamar essa entidade fé de seu ‘outro eu’. Ela não conhece limitações, não tem medos e não reconhece a palavra ‘impossível’.”

“Você foi direcionado a selecionar esse ambiente de luxo em um bom hotel, como um meio de desencorajar o retorno da entidade medo. Esse antigo eu motivado pelo medo não está morto; ele simplesmente foi destronado. E ele o seguirá aonde quer que você vá, esperando uma oportunidade favorável para tomar conta de você novamente. Ele somente pode tomar o controle de você por meio dos seus pensamentos. Lembre-se disso e mantenha as portas da sua mente hermeticamente fechadas contra todos os pensamentos que procuram limitá-lo de qualquer maneira e você assim ficará a salvo.”

“Não se permita preocupar-se com o dinheiro que você precisará para suas despesas imediatas. O recurso virá a você no momento em que você necessitar dele.”

“Agora, vamos aos negócios. Antes de qualquer coisa, você deve saber que a entidade fé, que agora está no comando do seu corpo, não faz nenhum tipo de milagre e também não trabalha em oposição a nenhuma das leis da natureza. Enquanto ela estiver no comando do seu corpo, ela o guiará sempre que você a chamar, por meio de impulsos de pensamentos que cruzarão pela sua mente e o ajudarão a realizar todos os seus planos da maneira mais natural, conveniente e lógica possível.”

“Acima de qualquer coisa, tenha este fato claramente fixado na sua mente, que o seu ‘outro eu’ não fará o trabalho por você, ele somente o guiará inteligentemente no caminho para você conquistar todos os seus objetivos e desejos.”

“Esse ‘outro eu’ o ajudará a transformar todos os seus planos em realidade. Além disso, você deve saber que ele começa sempre com o seu maior ou mais pronunciado desejo. Neste momento, o seu maior desejo – aquele que o trouxe até aqui – é publicar e distribuir os resultados da

sua pesquisa nas causas de sucesso e fracasso. A sua estimativa é de que serão necessários aproximadamente 25 mil dólares.”

“Entre os seus conhecidos, há um homem que estará disposto a investir o capital necessário. Comece de uma vez a imaginar e focar no nome de todas as pessoas do seu círculo de conhecidos que poderiam de alguma maneira ser induzidas a fornecer a ajuda financeira de que você está precisando.”

“Quando o nome da pessoa certa vier à sua mente, você a reconhecerá imediatamente. Entre em contato com essa pessoa, e a ajuda que você procura será dada. Nos seus argumentos, contudo, apresente o seu pedido com uma terminologia tal que você usaria numa transação usual de negócios. Jamais, sob nenhuma hipótese, faça qualquer referência à descoberta desse seu ‘outro eu’. Se você violar essas instruções, será acometido por uma derrota temporária.”

“O seu ‘outro eu’ continuará no comando e permanecerá a guiá-lo enquanto você quiser fazer uso dele. Mantenha a dúvida, o medo e as preocupações e todos os pensamentos de limitação totalmente fora da sua mente.”

“Isso é tudo para o momento. A partir de agora você começará a se mexer por seu livre-arbítrio, precisamente da mesma maneira que você começou antes de descobrir o seu ‘outro eu’. Fisicamente, você é o mesmo que sempre foi; por isso ninguém reconhecerá nenhuma mudança em você.”

Olhei em volta do quarto, pisquei os olhos e, para ter certeza de que não estava sonhando, levantei e caminhei até um espelho e olhei para mim de perto. A expressão do meu rosto havia mudado de dúvida para coragem e fé. Não havia mais qualquer sinal de dúvida na minha mente, visto que o meu corpo físico estava sob uma influência muito diferente daquela que havia sido destronada duas noites antes, enquanto eu caminhava na escola na West Virgínia.

UM NOVO MUNDO SE REVELA PARA MIM

Obviamente, eu havia passado por uma experiência de renascimento em que todas as formas de medo haviam se afastado de mim. Eu agora tinha coragem de tal maneira que nunca havia experimentado antes. Apesar do fato de ainda não ter sido mostrado para mim como ou de que fonte eu seria capaz de receber os recursos necessários, eu tinha fé inabalável de que o dinheiro estava vindo ao meu alcance – na verdade conseguia enxergá-lo já em minha posse.

Em muito poucas ocasiões na minha vida inteira pude experimentar tal tipo de fé. Na verdade, era um sentimento indescritível. Não há palavras na língua portuguesa que possam descrevê-lo – fato que todos aqueles que tiveram experiências similares podem facilmente testemunhar.

Naquele instante, comecei a colocar em prática as instruções que havia recebido. Todo aquele sentimento de que eu estaria entrando em uma missão impossível agora haviam me deixado. Um por um, comecei a buscar em minha mente os nomes de todos os meus conhecidos que talvez pudessem ser capazes de financiar os 25 mil dólares de que eu precisava, começando com o nome de Henry Ford e passando por toda a lista de mais de trezentas pessoas. Meu “outro eu” simplesmente disse: “Continue procurando”.

A HORA MAIS ESCURA É JUSTAMENTE UM POUCO ANTES DA AURORA

Mas eu chegara ao fim da linha. Minha lista inteira de conhecidos havia

sido esgotada, e com ela minha resistência física também. Eu estava trabalhando, concentrando a minha mente naquela lista de nomes por basicamente dois dias e duas noites, parando somente para dar alguns cochilos.

Recostei-me na cadeira, fechei os olhos e entrei numa espécie de transe por alguns minutos. Fui acordado pelo que parecia ser uma explosão no quarto. Conforme ganhei consciência, o nome de Albert L. Pelton apareceu em minha mente... e com ele um plano que eu soube instantaneamente ser o plano que me faria ter sucesso em persuadir o Sr. Pelton a publicar os meus livros. Eu me lembrei do senhor Pelton somente como um editor na revista *Golden Rule* (Regra de Ouro) – aquela que eu havia publicado em anos anteriores.

Eu me sentei, peguei a máquina de escrever e enderecei uma carta ao senhor Pelton em Meriden, Connecticut, e descrevi o plano da mesma maneira que ele havia sido entregue para mim. Ele respondeu por telegrama, dizendo que estaria na Filadélfia para me ver no dia seguinte.

Quando ele chegou, mostrei a ele os manuscritos originais da minha filosofia e brevemente expliquei qual seria a sua missão. Ele pegou os manuscritos, folheou algumas páginas por alguns minutos, então parou de repente e com os olhos fixos na parede por alguns segundos disse: “Eu publicarei os livros para você”.

O contrato foi assinado; uma quantia substancial de *royalties* me foi paga, e os manuscritos foram entregues a ele, que os levou para Meriden.

Eu não perguntei a ele o que o fez tomar a decisão de publicar os meus livros antes mesmo de tê-los lido, o que eu sei é que ele me forneceu o capital necessário, imprimiu os livros e me ajudou a vender milhares deles para a sua própria clientela de compradores de livros, espalhados em praticamente todos os países de língua inglesa no mundo.

MEU “OUTRO EU” SE SAI BEM

Três meses após o dia em que o senhor Pelton me visitou na Filadélfia, um jogo completo com todos os meus livros estava em cima da mesa,

bem na minha frente, e minha renda da venda dos livros era grande o suficiente para suprir todas as minhas necessidades. Esses livros agora estão nas mãos de todos os meus estudantes do mundo inteiro.

Meu primeiro cheque dos *royalties* referente à venda dos meus livros alcançou a quantia de 850 dólares. No momento em que abri o envelope para apanhar o cheque, meu “outro eu” disse: “Sua única limitação é aquela que você impõe em sua própria mente”.

Não tenho certeza de que eu entenda exatamente o que esse “outro eu” seja, mas tenho plena convicção de que não há derrota permanente para o homem ou a mulher que o descubra e confie nele.

No dia após o senhor Pelton ter ido me visitar na Filadélfia, o meu “outro eu” me presenteou com uma ideia que resolveu imediatamente o meu problema financeiro. A ideia que cruzou a minha mente me mostrava que os métodos de venda da indústria automobilística tinham que passar por uma mudança drástica e que os futuros vendedores dessa área da indústria teriam que aprender a VENDER automóveis, em vez de meramente servir de compradores de carros usados, como a maioria estava fazendo na época.

Ocorreu-me também que jovens rapazes que haviam recém-finalizado a faculdade e que por isso não conheciam nada dos velhos “truques” da venda de automóveis seriam o ponto de partida desse novo tipo de profissional de vendas e poderiam ser mais bem desenvolvidos.

A ideia era tão distinta e impressionante que eu imediatamente liguei para o gerente de vendas da General Motors e brevemente expliquei meu plano. Ele também ficou impressionado e me indicou para visitar uma filial da Companhia de Automóveis Buick, que naquela época era propriedade e dirigida por Earl Powell. Visitei o senhor Powell, expliquei-lhe meu plano e ele imediatamente me colocou para treinar quinze garotos cuidadosamente selecionados da faculdade.

A minha renda desse treinamento foi mais do que suficiente para tomar conta de todas as minhas despesas pelos três meses seguintes, até que os resultados da venda dos meus livros começassem a entrar, incluindo o custo daquela luxuosa suíte que naquela época me

preocupou muito.

Meu “outro eu” não havia me desapontado. O dinheiro de que eu precisava estava em minhas mãos justamente no momento em que eu precisei. Nesse momento, fui convencido de que a minha viagem para a Filadélfia não era, sob nenhuma hipótese, uma missão sem sentido, conforme minha razão havia indicado antes de partir do oeste da Virgínia.

Daquele momento em diante até este exato minuto, tudo de que eu precisei veio até mim. E isso mesmo considerando que o mundo inteiro recentemente passara por um período de depressão econômica quando mesmo as necessidades básicas não estavam disponíveis para muitas pessoas. Em alguns momentos, a chegada das coisas materiais das quais eu precisei veio um pouco tarde, mas posso com toda a certeza dizer que o meu “outro eu” sempre me encontrou no cruzamento e por sua vez sempre me indicou por qual caminho eu deveria seguir.

O “outro eu” não tem precedentes, não reconhece nenhum tipo de limite e sempre, sempre acha um modo de satisfazer nossos desejos! Ele pode se deparar com derrotas temporárias, mas nunca com fracasso permanente. Tenho tanta certeza disso que estou afirmando quanto o fato de estar aqui escrevendo estas linhas.

Enquanto isso, sinceramente espero que alguns dos milhões de homens e mulheres que foram atingidos pela depressão econômica ou outros dissabores da vida descubram dentro de si mesmos essa estranha entidade que eu chamei de meu “outro eu” e que essa descoberta os guie, como me guiou a um intenso e próximo relacionamento com essa fonte de energia que supera obstáculos e resolve todas as dificuldades, em vez de ser derrotada por elas. Há uma grande força a ser descoberta no seu “outro eu”! Procure com todo o seu ser e você o achará.

“FRACASSO”: UMA BENÇÃO DISFARÇADA

Fiz outra descoberta como resultado dessa apresentação ao meu “outro eu”, ou seja, há uma solução para cada problema legítimo, não importa

quão difícil o problema pareça ser. Também descobri que, para cada experiência de derrota temporária, para cada fracasso e cada forma de adversidade, existe a semente de um benefício equivalente.

Entenda o que eu quero dizer, não afirmei que isso seria uma flor desabrochada do sucesso, mas sim a semente pela qual essa flor germinará e crescerá. Para essa regra não há exceções. A semente da qual eu falo nem sempre pode ser observada, mas pode ter certeza de que ela está lá, de uma forma ou de outra.

Não pretendo entender tudo sobre essa estranha força que me reduziu à pobreza e a uma situação de necessidade e medo e então fez renascer uma fé dentro de mim por meio da qual tive o privilégio de ajudar dezenas de milhares de pessoas que se achavam descendo a ladeira. Mas sei que tal força entrou em minha vida como uma missão para que eu pudesse colocar outros em contato com ela.

Durante um quarto de século em que me dediquei à pesquisa das causas de sucesso e fracasso, descobri muitos princípios de verdade que têm sido úteis para mim e para outros, mas nada que observei me impressionou tanto quanto a descoberta de que cada grande líder do passado foi tomado por dificuldades e encontrou derrotas temporárias antes de alcançar os seus objetivos.

De Cristo até Edson, os homens que mais realizaram foram os que mais se depararam com formas duradouras de fracasso temporário. Isso pareceria justificar a conclusão de que a Inteligência Infinita tem um plano, ou uma lei pela qual ela faz com que homens se deparem com muitos obstáculos, antes de dar-lhes o privilégio da liderança ou a oportunidade de realizar um serviço útil, de uma forma notável.

Eu não desejaria sujeitar-me novamente às experiências pelas quais passei naquela noite fatídica de véspera de Natal em 1923, e também naquela noite quando caminhei em volta da escola na West Virgínia e lutei aquela terrível batalha contra o medo, mas toda a riqueza do mundo não seria capaz de me fazer **abandonar** o conhecimento que ganhei dessa experiência.

A FÉ TEM UM NOVO SIGNIFICADO PARA MIM

Repito que não sei exatamente o que é esse “outro eu”, mas sei o suficiente para me apoiar nele com um espírito de absoluta fé em tempos de necessidade, quando a razão da minha mente parece inadequada para suprir as minhas necessidades.

A depressão econômica que começou em 1929 trouxe miséria para milhões de pessoas, mas não devemos esquecer que a experiência também trouxe muitas bênçãos, a começar pelo conhecimento de que há algo infinitamente pior do que ser forçado a trabalhar, que é ser forçado a não trabalhar. De certa forma, essa depressão foi mais uma bênção do que uma maldição, se analisada à luz das mudanças que trouxe para as mentes de todos que foram afetados por ela. O mesmo é verdadeiro para cada experiência que altera os hábitos dos homens e os força a olhar para o seu “interior”, para a solução dos seus problemas.

O tempo que passei em reclusão na West Virgínia foi, sem sombra de dúvidas, a mais severa das punições da minha vida, mas a experiência trouxe bênçãos na forma de conhecimentos de que eu precisava e que de certa forma mais do que compensaram o sofrimento. Estes dois resultados – o sofrimento e o conhecimento ganho dele – foram inevitáveis. A Lei da Compensação, a qual Ralph Waldo Emerson tão claramente definiu, fez esse resultado um tanto quanto natural e necessário.

O que o futuro pode guardar para mim na forma de desapontamentos, por meio de derrotas temporárias, com certeza não tenho meios de saber. Mas sei, contudo, que nenhuma experiência do futuro pode possivelmente me atingir tão profundamente quanto aquelas do passado, porque agora tenho acesso ao meu “outro eu”. Desde que esse “outro eu” tomou conta de mim, venho tendo acesso a um tipo de conhecimento que por certo não teria descoberto enquanto a minha antiga entidade, chamada medo, estava no controle. Aprendi que todos aqueles que se deparam com dificuldades que parecem insolúveis podem resolvê-las e ainda melhor lidar com elas, se estiverem dispostos a

esquecer suas próprias dificuldades e partir para ajudar outras pessoas que porventura estejam passando por dificuldades maiores.

O VALOR DE DAR ANTES DE TENTAR CONSEGUIR

Tenho plena certeza de que nenhum esforço que possamos fazer em prol daqueles que estão em momentos de dificuldade ocorre sem algum tipo de recompensa adequada. Nem sempre a recompensa vem daquelas próprias pessoas para as quais prestamos serviços, mas ela virá de uma fonte ou outra.

Desconfio seriamente de que nenhum homem pode utilizar-se dos benefícios desse “outro eu” enquanto estiver impregnado pela ganância e pela avareza, pela inveja e pelo medo. Mas, se eu estiver errado nessa conclusão, ainda tenho a honra de ser aquele que achou paz de espírito e alegria por meio de um ponto de vista que não estava correto. Eu preferiria assim, estar errado e feliz a estar certo e infeliz! Mas esse ponto de vista não está errado.

Enquanto eu estiver de bem com o meu “outro eu”, serei capaz de adquirir qualquer coisa material de que precise. Além disso, serei capaz de conquistar felicidade e paz de espírito. O que mais poderia alguém querer?

O único motivo que me inspirou a escrever este livro foi um desejo profundo e sincero de ser útil a outros, compartilhando com eles tanto quanto eles estejam preparados para aceitar a fortuna que se tornou minha, no momento em que descobri meu “outro eu”. Essa riqueza, felizmente, não pode ser medida em termos materiais ou financeiros, porque ela representa muito mais do que isso.

Riquezas materiais e financeiras, quando reduzidas aos seus valores líquidos, são mensuráveis em termos de saldos bancários. Saldos bancários não são mais fortes do que bancos. Essa outra forma de riqueza da qual falo é mensurável não somente em termos de paz de espírito e contentamento, mas da mesma forma como é manifestada naqueles que são adeptos da oração.

Quando rezo, meu “outro eu” me ensinou a concentrar-me nos meus objetivos e a me esquecer do plano que deve ser atingido. Não estou sugerindo que objetos materiais devam ser adquiridos sem planos. O que eu estou dizendo é que o poder que transforma os pensamentos e desejos em realidade tem a sua fonte na infinita inteligência, que, por sua vez, conhece mais sobre os planos do que quem está fazendo a oração.

Colocando o caso de outra forma, não seria mais inteligente, quando em oração, confiar na mente universal para nos entregar o plano que melhor se adapte à realização do objetivo da nossa oração? Minha experiência com oração me ensinou que tudo aquilo que resulta de uma oração é um plano, um plano que é adequado e adaptado para o atingimento do objetivo da oração, por um meio natural e material. O plano deve ser transmutado por meio de uma ação de alto esforço.

Eu não conheço nada a respeito de qualquer tipo de oração que possa funcionar favoravelmente em uma mente dominada, mesmo que em menor grau, pelo medo.

UM NOVO MEIO DE ORAR

Desde que me tornei íntimo de meu “outro eu”, minha forma de orar modificou-se. Eu costumava rezar somente quando encarava dificuldades. Agora, rezo antes da dificuldade, quando possível. Eu agora rezo não mais pelos bens e pelas grandes bênçãos deste mundo, mas para ser merecedor de tudo que já possuo. Acho que esse meio de orar é melhor do que o antigo.

A Inteligência Infinita parece não ficar ofendida quando rendo graças e mostro que sou grato por todas as bênçãos que coroaram meus esforços. Fiquei maravilhado quando primeiro tentei esse plano de oferecer uma oração de agradecimento por tudo que eu já possuía, pois assim descobri a vasta riqueza de que já dispunha e não apreciava.

Por exemplo, descobri que eu tinha um corpo maravilhoso que nunca havia sido seriamente danificado pela doença. Eu contava com uma mente razoavelmente bem equilibrada. Tinha uma imaginação criativa

com a qual eu poderia prestar um serviço muito útil para um grande número de pessoas. Eu era abençoado com toda a liberdade que desejava, tanto de corpo quanto de mente. Nutria um desejo ardente de ajudar outros que não tinham a mesma sorte.

Descobri que a felicidade, o maior de todos os objetivos do ser humano, era minha de qualquer maneira, com depressão econômica ou sem depressão econômica. Por último, descobri que eu tinha o privilégio de me aproximar da Inteligência Infinita, tanto com o intuito de agradecer pelo que eu possuía e por iluminar e direcionar meu caminho quanto para pedir mais bênçãos.

Pode ser útil para cada leitor deste livro fazer o inventário de seus ativos intangíveis. Tal inventário pode mostrar que existem ativos que não têm valor.

ALGUNS SINAIS QUE NÓS SUBESTIMAMOS

O mundo inteiro está passando por um momento de mudanças de tamanhas proporções que milhões de pessoas estão em estado constante de pânico, trazendo junto consigo preocupações, dúvidas, indecisões e, principalmente, medo. Parece-me que agora é o momento certo para todos aqueles que, por alguma razão, encontram-se naquele cruzamento da dúvida e da incerteza, para que conheçam e se tornem íntimos de seus “outros eus”.

Todos os que desejarem realizar tal tarefa acharão útil tirar uma lição da natureza. A observação mostrará que as estrelas eternas brilham todas as noites nos seus devidos lugares; que o Sol continua mandando seus raios de luz e calor, provendo a mãe natureza com abundância de comida e energia; que a água continua a correr da sua nascente na montanha; que os pássaros e os animais selvagens da floresta recebem condições adequadas e satisfatórias de alimento; que após um dia de trabalho vem a noite para descansarmos; que após o movimentado verão vem o inverno de calma; que as estações vêm e vão exatamente como faziam antes da crise de 1929 chegar; que na verdade somente as mentes dos homens

deixaram de funcionar normalmente, e isso porque os homens preencheram suas mentes com o MEDO. A observação desses simples fatos da vida cotidiana pode ser muito útil como um ponto de partida para todos aqueles que desejam suplantar o medo pela fé.

Não sou um profeta, mas posso, sem falsa modéstia, predizer que todo indivíduo tem o poder de mudar seu estado material ou financeiro, mas primeiro ele ou ela tem que mudar a natureza das suas crenças.

Não confunda a palavra “crença” com a palavra “desejo”. As duas não são a mesma coisa. Todo mundo é capaz de “desejar” vantagens financeiras, materiais ou espirituais, mas o elemento FÉ é a única força verdadeira pela qual um desejo pode ser transformado em uma crença, e, por sua vez, a crença transmuta-se em realidade.

E é exatamente nesse ponto o momento mais apropriado para chamar atenção para o real benefício que qualquer um pode experimentar simplesmente usando de forma deliberada a sua fé focada em qualquer forma de desejo construtivo. A mente age sempre de acordo com nossos desejos mais profundos e dominantes. Não há escapatória desse fato, isso é literalmente um fato. “Tenha muito cuidado com o que você deseja de coração, porque por certo será seu.”

A FÉ É O COMEÇO DE TODA GRANDE REALIZAÇÃO

Se Thomas Edison tivesse parado, simplesmente desejando conhecer o segredo pelo qual a energia elétrica fazia com que a lâmpada incandescente acendesse, toda a conveniência que as suas descobertas trouxeram para a civilização teria permanecido como segredos da natureza. Ele encontrou-se com o fracasso temporário por mais de dez mil vezes antes de finalmente conseguir arrancar esse segredo da natureza. Até que finalmente ela cedeu para ele, porque ele acreditou que conseguiria e, mais importante ainda, continuou tentando até que conseguiu a resposta.

Edison descobriu mais dos segredos da natureza (eles teriam sido chamados de milagres em um período anterior) no campo da física do

que qualquer outro homem que já viveu, e isso porque ele ficou íntimo do seu “outro eu”. Eu ouvi isso da boca do próprio Edison, mas, mesmo que eu não tivesse ouvido, as suas realizações por si mesmas revelaram esse segredo.

Nada dentro da razão é impossível para o homem ou a mulher que acredita e confia no seu “outro eu”. Tudo em que um homem ou uma mulher acreditar ser verdadeiro, a partir daquele instante começa a se tornar verdadeiro.

Uma oração é uma expressão do pensamento, algumas vezes expresso em palavras audíveis e outras vezes expresso silenciosamente. Observei por experiência própria que uma oração silenciosa é tão eficaz quanto uma oração expressa em palavras. Observei também que o estado de espírito de quem está rezando é o fator determinante para a oração funcionar, ou não.

Minha concepção do “outro eu” que tenho tentado descrever é que ele simboliza meramente um novo modo de se chegar à Inteligência Infinita, um modo pelo qual se pode controlar e direcionar o simples processo de combinar a fé com os pensamentos. Isso é somente outra maneira de dizer que agora tenho muito mais fé no poder da oração.

O estado de espírito conhecido como FÉ aparentemente abre o meio para um sexto sentido, por meio do qual se pode comunicar com fontes de poder e informação que ultrapassam e muito os nossos cinco sentidos. O desenvolvimento desse sexto sentido vem sempre para sua ajuda, e ele é na verdade uma estranha força que, vamos assumir, é um anjo da guarda que pode abrir para você, sempre que quiser, a porta para o templo da sabedoria. O “sexto sentido” é a experiência mais próxima a que já cheguei de algo que se possa chamar de milagre, e ele aparece dessa forma talvez porque eu não entenda exatamente o método pelo qual esse princípio funciona.

O que eu realmente sei é que existe uma força ou uma causa central primeira, ou uma inteligência que permeia cada átomo da matéria e faz parte de cada unidade de energia perceptível pelo homem; que essa infinita inteligência converte ramos em árvores, faz com que a água

escorra dos montes em resposta à lei da gravidade, faz a noite após o dia, o inverno após o verão, cada um mantendo seu próprio lugar e funcionando de forma harmoniosa, bem como o relacionamento entre si. Essa inteligência ajuda a transformar desejos em formas concretas ou materiais. Tenho esse conhecimento porque o experimentei.

Por muitos anos, venho mantendo o hábito de fazer o inventário de toda a minha vida pessoal, uma vez por ano, com o objetivo de determinar quanto de minhas fraquezas consegui ultrapassar ou eliminar, e também para calcular quanto progresso, se é que tive algum, fiz durante o ano.

UMA ESTRANHA ENTREVISTA COM O DIABO

Enquanto você estiver lendo a entrevista com o Diabo, você reconhecerá, a partir da breve descrição que dei da história da minha vida, o esforço desesperado do Diabo de me calar antes que eu ganhasse reconhecimento público. Você entenderá também, após ler a entrevista com o Diabo, por que a entrevista tinha que ser precedida por esta história pessoal.

Antes que você comece a ler a entrevista, eu quero que você tenha uma noção bem clara do tipo de ataque que o Diabo fez comigo, e lembre-se de que foi esse ataque final que afortunadamente virou o jogo, fazendo com que o Diabo ficasse sem saída e tivesse que se confessar.

Esse trabalho do Diabo começou com a crise de 1929. Por meio daquela feliz virada na roda da vida, perdi seiscentos acres nas montanhas de Katskill. Meus rendimentos foram a zero; o Harriman National Bank, onde todos os meus fundos estavam depositados, quebrou e com ele se foi todo o meu dinheiro. Antes que eu notasse o que estava acontecendo, me peguei no meio de um furacão espiritual e econômico que se desenvolveu numa catástrofe mundial de tal força que nenhum indivíduo ou grupo de indivíduos poderia suportar.

Enquanto esperava a tempestade passar e todo o medo que estava espalhado ceder, me mudei para Washington, a cidade onde comecei o trabalho, após o meu primeiro encontro com Andrew Carnegie, quase um quarto de século antes.

Parecia que não havia nada que eu pudesse fazer, exceto sentar e esperar. Tudo que eu tinha era tempo. Após três anos de espera sem resultados tangíveis, minha alma incansável começou a me empurrar de volta para o serviço.

Havia muito poucas oportunidades para eu ensinar uma filosofia de sucesso quando o mundo à minha volta estava no meio do mais abjeto fracasso e as mentes dos homens estavam preenchidas com o medo da pobreza.

Esse pensamento veio até mim em uma noite, enquanto eu estava dirigindo o meu automóvel em frente ao Memorial de Lincoln sobre o rio Potomac, dentro da sombra do Capitólio. Com isso, veio outro pensamento: o mundo havia experimentado uma crise sem precedentes, sobre a qual nenhum ser humano tinha o menor controle. Com essa crise, veio até mim a oportunidade de testar a filosofia da autodeterminação, a organização à qual eu havia devotado boa parte da minha vida adulta. Uma vez mais eu tinha a oportunidade de aprender se a minha filosofia era prática ou mera teoria.

Notei também que aí estava a oportunidade de testar uma frase de minha autoria, a qual eu havia pronunciado centenas de vezes: “Toda adversidade traz consigo a semente de uma vantagem equivalente”. Qual, se há alguma, eu me perguntei, foi a vantagem de uma crise mundial para mim?

Quando comecei a procurar por uma direção por onde eu poderia testar a minha filosofia, fiz a descoberta mais chocante da minha vida. Descobri que, por meio de alguma estranha força que eu não entendia, eu havia perdido minha coragem; minha iniciativa tinha sido desmoralizada; meu entusiasmo havia enfraquecido. Pior do que tudo isso, eu estava envergonhado de me dar conta de que era o autor de uma filosofia de autodeterminação porque, lá no fundo do meu coração, eu sabia, ou pensava que sabia, que eu não poderia fazer a minha própria filosofia me tirar do fundo do poço e conseqüentemente mudar a situação desesperadora na qual me encontrava.

Enquanto eu lutava em um estado mental de total confusão e atordoamento, o Diabo devia estar dançando de felicidade. Afinal, ele tinha o autor da primeira filosofia de realização e sucesso pessoal paralisado pela indecisão.

MAS OS INIMIGOS DO DIABO TAMBÉM DEVIAM ESTAR TRABALHANDO

Enquanto eu estava sentado em frente ao Memorial Lincoln, revisando em retrospecto as circunstâncias que, por muitas vezes, elevaram-me a grandes realizações, somente para logo depois me deixarem cair de alturas equivalentes, um pensamento feliz chegou até mim, na forma de um plano de ação definido, o qual eu acreditava que poderia me desfazer de uma vez por todas desse sentimento hipnótico de indiferença ao qual eu estava preso.

Na entrevista com o Diabo, a exata natureza da força pela qual eu havia sido privado da minha iniciativa e da minha coragem foi revelada. É exatamente a mesma força a que milhões de outros foram sujeitos durante a grande crise. É a arma principal que o Diabo utiliza para enredar e controlar os seres humanos.

A essência desse novo pensamento que veio para mim era esta: apesar do fato de eu ter aprendido com Andrew Carnegie e mais de quinhentos outros que tiveram sucessos profissionais e pessoais equivalentes que realizações notáveis em todos os passos da vida vêm por meio da aplicação do “MasterMind” (a coordenação harmoniosa de duas ou mais mentes trabalhando para um mesmo objetivo), eu havia falhado em fazer tal aliança com o objetivo de colocar em prática o meu plano de revelar a primeira filosofia individual de sucesso para o mundo.

Apesar do fato de eu ter entendido o poder do MasterMind, eu havia sido relapso em apropriar-me e usar essa força. Eu estava trabalhando como um lobo solitário, em vez de associar-me com outras mentes superiores.

UMA ANÁLISE

Vamos agora, brevemente, analisar essa estranha entrevista que você está prestes a ler. Alguns irão perguntar após terminá-la: “Você realmente

entrevistou o Diabo ou você meramente entrevistou um Diabo imaginário?”. Alguns talvez desejem a resposta a essa questão antes mesmo de começar a entrevista.

Responderei da única e mais honesta maneira que poderia, dizendo que o Diabo que entrevistei pode ter sido real tanto quanto ele dizia ser ou ele pode ter sido uma criação da minha própria imaginação. Seja lá o que ele fosse, real ou imaginário, é de muito pouca importância se comparado com a natureza e com o conteúdo das informações contidas na entrevista.

A questão realmente importante é esta: a entrevista contém alguma informação que possa ser realmente útil para as pessoas que estão tentando achar os seus lugares no mundo? Se ela tem esse tipo de informação, não importa se está contida na forma de um fato ou ficção, então ela deve ser séria e cuidadosamente analisada por meio de uma leitura muito atenciosa. Eu não tenho a menor preocupação quanto à real fonte da informação ou quanto à real natureza do Diabo, cuja história fantástica você está prestes a ler. Estou somente preocupado com o fato de que a confissão do Diabo encaixa-se perfeitamente com o que eu tenho visto da vida.

Acredito que a entrevista contenha informações de benefícios práticos para todos aqueles que ainda não acharam a vida amigável, e a razão pela qual eu acredito nisso é que eu fiz com que o tema central deste livro me trouxesse toda felicidade de que preciso, na forma que mais se encaixou na minha natureza. Eu tive o suficiente de experiências com os princípios mencionados pelo Diabo, de tal forma que posso assegurar que eles farão exatamente o que ele diz que farão. Isso é suficiente para mim. Então, passo a história desta entrevista para você, para que, seja da maneira que for, consiga extrair dela o máximo possível de dividendos em termos financeiros e pessoais.

Talvez você consiga grandes valores em termos financeiros, se você aceitar o Diabo como sendo o que ele diz que é, baseando-se na sua mensagem para seja lá o que for que ela lhe possa trazer e que você consiga aplicar da melhor maneira possível, não se preocupando em

saber quem é o Diabo ou se realmente ele existe.

Se você quiser minha honesta opinião pessoal, eu acredito que o Diabo é realmente quem ele diz ser. Agora, vamos analisar a sua estranha confissão.

Após forçar a sua entrada na consciência do Diabo, o “Senhor Humano” começou a entrevista que o Diabo não queria dar, com questões que ele não poderia deixar de responder.

AQUI COMEÇA A ENTREVISTA COM O DIABO

P – Eu descobri o código secreto pelo qual tenho acesso aos seus pensamentos. Vim para lhe fazer algumas perguntas muito simples. Exijo que você me forneça respostas diretas e verdadeiras. Você está pronto para a entrevista, senhor Diabo?

R – Sim, estou pronto. Mas primeiro você deve se dirigir a mim com mais respeito. Durante esta entrevista, você se dirigirá a mim somente como “Sua Majestade”.

P – Com que direito você exige tal respeito real?

R – Você deve saber que eu controlo 98% das pessoas do seu mundo. Você não acha que isso é motivo suficiente para me dar um título de realeza?

P – Você tem prova do que está afirmando?

R – Sim, tenho provas em abundância.

P – No que consistem as suas provas?

R – Consistem de muitas coisas. Se você quer respostas, você se dirigirá a mim como “Sua Majestade”. Algumas coisas você entenderá; outras, não. Para que você entenda meu ponto de vista, descreverei a mim mesmo e corrigirei a falsa noção que as pessoas têm de mim e de onde eu habito.

P – Esta é uma ótima ideia, Sua Majestade. Comece me contando onde você mora e então descreva a sua aparência física.

R – Minha aparência física? Bem, meu querido Senhor Humano, eu não tenho um corpo físico. Um corpo físico me colocaria em desvantagem e seria um fardo que eu teria que carregar, tal como vocês criaturas humanas o carregam ao longo da vida. Eu consisto de Energia Negativa e vivo nas mentes das pessoas que têm medo de mim. Também ocupo metade de cada átomo da matéria física e cada unidade de energia mental e física. Talvez você entenda melhor a minha natureza se eu lhe disser que sou a porção negativa do átomo.

P – **Ah, eu entendo o que você está querendo dizer. Você está preparando o terreno para dizer que, se não fosse por você, não haveria mundo, nem estrelas, nem elétrons, nem átomos, nem seres humanos, nada. Não é isso?**

R – Verdade! Você está absolutamente certo.

P – **Bem, se você ocupa somente metade da energia e da matéria, quem ocupa a outra metade?**

R – A outra metade é ocupada pela minha “oposição”.

P – **Oposição? O que você quer dizer com isso?**

R – A oposição é o que vocês, humanos, chamam de Deus.

P – **Então, você divide o universo com Deus, é isso que você está dizendo?**

R – Não é o que eu estou dizendo, isso é um fato. Antes do final desta entrevista, você entenderá por que as minhas afirmações são verdadeiras. Você também entenderá por que elas têm que ser verdadeiras, ou não poderia haver um mundo como você o conhece, muito menos criaturas humanas como você. Eu não sou nem de perto uma besta com um garfo e um rabo pontudo.

P – **Mas você controla as mentes de 98 em cada 100 pessoas. Você mesmo disse. Quem causa toda a miséria desses 98% do mundo controlados pelo Diabo, se não é você?**

R – Eu não disse em momento algum que não sou a causa de toda a

miséria do mundo. Por outro lado, me vanglorio disso. O meu negócio é representar o lado negativo de tudo, incluindo os pensamentos negativos de vocês, humanos. De que outra maneira eu poderia controlar as pessoas? A minha oposição controla o pensamento positivo. Eu controlo o pensamento negativo.

P – Como você assume o controle das mentes dessas pessoas?

R – Ah, isso é fácil: eu simplesmente entro em suas mentes e ocupo o espaço que não é usado do cérebro humano. Eu planto as sementes do pensamento negativo nas mentes das pessoas, e dessa forma eu consigo ocupar e controlar o espaço!

P – Você deve ter muitos truques e ferramentas pelas quais você ganha o controle e o acesso à mente humana.

R – Para ser claro, eu emprego truques e meios para controlar o pensamento humano. Os instrumentos que uso também são inteligentes.

P – Vá em frente e me descreva os seus truques inteligentes, Sua Majestade.

R – Um dos mais astutos instrumentos que uso para o controle da mente humana é o medo. Planto a semente do medo nas mentes das pessoas e, conforme essas sementes germinam e crescem, pelo uso contínuo dos pensamentos negativos, controlo o espaço que elas ocupam. Os seis medos mais efetivos são o medo da pobreza, da crítica, da perda da saúde, da perda do amor, da velhice e da morte.

P – Qual desses seis medos mais o ajuda a assumir o controle, Sua Majestade?

R – O primeiro e o último – pobreza e morte. Em um momento ou outro durante a vida, amarro as pessoas com um deles ou até ambos. Planto esses medos nas mentes das pessoas de forma tão inexorável que elas acreditam que esses medos são sua própria criação. Realizo essa tarefa fazendo com que as pessoas acreditem que eu estou lá, esperando-as no portão de entrada da próxima vida, esperando para julgá-las e puni-las

por toda a eternidade. É claro que não posso punir ninguém, exceto na própria mente dessa pessoa, por meio de alguma forma de medo – mas medo daquilo que não existe é tão útil para mim quanto o medo daquilo que existe. Todas as formas de medo ampliam o espaço que ocupo na mente humana.

P – Sua Majestade, você explicará como ganhou esse controle sobre os seres humanos?

R – A história é muito longa para ser contada em poucas palavras. Tudo começou há mais de um milhão de anos, quando o primeiro homem começou a pensar. Até aquele momento eu tinha o controle sobre todos os homens, mas inimigos meus descobriram o poder do pensamento positivo e o colocaram nas mentes dos homens. Aí então começou uma batalha de minha parte para permanecer no controle. Até este momento, eu tenho me saído muito bem, tendo perdido somente 2% das pessoas para a oposição.

P – O que eu posso extrair da sua resposta é que os homens que PENSAM são os seus inimigos. Isso está certo?

R – Isso não está “certo”, mas está correto.

P – Me conte mais sobre o mundo em que você vive.

R – Vivo onde quer que eu escolha. O tempo e o espaço não existem para mim. Sou uma força que, para descrever melhor para você, deve ser considerada como energia. Meu lugar físico favorito, conforme lhe falei, são as mentes das pessoas. Controlo uma parte do espaço do cérebro de cada ser humano. A quantidade de espaço que eu ocupo na mente de cada indivíduo depende do quanto e de que tipo de pensamento essa pessoa mantém em sua mente. Conforme já lhe falei, não posso, sob nenhuma hipótese, controlar uma pessoa que pense.

P – Você fala da sua oposição. O que você quer dizer com isso?

R – O meu oponente controla todas as forças positivas do mundo, tal como o amor, a fé, a esperança e o otimismo. O meu oponente também